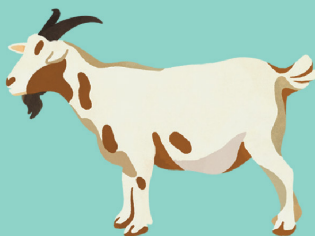


"Elena Armas sabe exatamente o que faz o coração dos leitores bater mais forte."

– Tessa Bailey, autora de *Aconteceu naquele verão*

AMOR

em jogo



ELENA ARMAS

AUTORA DE *UMA FARSA DE AMOR NA ESPANHA*



*Para todas as garotas que talvez tenham
surtado uma ou duas vezes:
E daí?
Deixe esses sentimentos lindos jorrarem, meu bem.*



UM

Adalyn

A cabeça rolou dos ombros e parou com um baque aos meus pés.

Senti um arrepio na nuca que se espalhou pelo meu corpo.

Eu deveria estar familiarizada com a cena. Deveria me lembrar de algo que vivi e que estava vendo em uma tela. Mas não me lembrava.

Então, quando o silêncio se impôs, mergulhando as instalações do Miami Flames em um vácuo repentino, meu coração quase parou. E tenho quase certeza de que preendi a respiração quando o microfone captou a voz de um dos câmeras sussurrando: “Cara, você tá gravando isso?”

Ah, meu Deus. O que...

O topo da cabeça de Paul surgiu do traje decapitado do Sparkles, a mascote, e fui tomada por uma onda de pânico.

Paul piscou com força, a raiva e o choque em sua expressão, e cuspiu um: “Que porra é essa?”

Meus lábios se entreabriram, como se uma parte instintiva do meu cérebro quisesse responder. Naquele instante. Quando já não faria diferença. “Eu...”, falei.

Então a imagem congelou na tela, obrigando meu olhar a se manter no rosto do homem que segurava o iPad que reproduzia os trinta segundos que foram apagados da minha memória.

– Acho que já vimos o bastante – disse Andrew Underwood, CEO e diretor administrativo do Miami Flames, um clube da Major League Soccer, e magnata da cidade.

– Discordo – disse o homem ao seu lado, com uma risadinha. – Esta é uma reunião de crise e precisamos garantir que sabemos de todos os detalhes.

Reunião de crise?

– Na verdade – continuou David –, acho que precisamos assistir a tudo de novo do início. Não sei direito o que Adalyn grunhiu ao decapitar nosso querido Sparkles. Eram só resmungos raivosos ou ela estava dizendo palavras especí...

– David – interrompeu Andrew, largando o iPad em cima da mesa desnecessariamente larga que os separava de mim. – A situação é séria.

– É, sim – concordou o outro, e não precisei nem olhar para saber que ele estava sorrindo.

Eu conhecia aquele sorrisinho. Já tinha beijado aquele sorrisinho. Namorei aquele sorrisinho durante um ano inteiro. Depois, trabalhei para ele quando lhe ofereceram o cargo com o qual sonhei a vida inteira.

– Não é todo dia que vemos a diretora de comunicação de um clube da MLS atacar a mascote do time calçando um sapato salto quinze. – Senti, ou melhor, ouvi, o sorriso dele se alargar, e meu rosto virar pedra. – Chocante, claro. Mas também...

– Inaceitável. – Andrew completou por ele. – Todos aqui sabem disso.

Os olhos azul-claros encontraram os meus, afiados e implacáveis. O que não era nenhuma surpresa. Enfrentei O Olhar durante a maior parte da vida. Ele continuou:

– O acesso de raiva foi imperdoável, mas não esqueça que estamos falando da minha filha.

Ergui o queixo, como se aquilo não fosse algo que eu tentava ignorar todos os dias.

Adalyn Reyes, a filha talentosa do CEO da franquia para a qual ela trabalhou a vida inteira.

– Peço desculpas pelo meu tom, Andrew – disse David.

Embora ele tenha ficado sério, ainda assim não me virei para ele. Não conseguia. Não depois de tudo o que tinha acontecido naquelas 24 horas. Não depois do que descobri.

– Mas, como vice-presidente de operações do Flames, me preocupo com as repercussões do incidente – concluiu ele.

Incidente.

Meus lábios formaram uma linha reta.

Meu pai estalou a língua, olhou para o iPad e desbloqueou o aparelho.

Seus dedos deslizaram para cima e para baixo, para a direita e para a esquerda, até que um documento se abriu. Mesmo de ponta-cabeça, reconheci na hora o que ele estava lendo. Era o modelo que eu tinha idealizado para os relatórios de mídia. O que todos usavam. Eu mesma tinha criado o sistema de cores para itens prioritários que agora fazia a tela emitir um brilho vermelho.

Vermelho, prioridade máxima. Vermelho, crise.

Fazia meses que não tínhamos um incidente vermelho. Anos.

– Eu não aprovei isso – resmunguei, ouvindo minha voz soar pela primeira vez desde que meu pai tinha dado play no vídeo. Dei uma tossidinha.
– Todo relatório precisa passar por mim antes de chegar à gerência.

Mas meu pai apenas suspirou, profunda e longamente, me ignorando enquanto rolava o relatório de – inclinei o corpo para a frente e verifiquei – quinze páginas.

Meus olhos se arregalaram.

– Será que eu posso...

– Impacto do incidente na mídia – disse ele, me interrompendo. – Vamos começar por aí.

Abri a boca outra vez, mas David se aproximou, e a juba loira-escuro me distraiu. Seu sorrisinho sarcástico encontrou o meu olhar, e eu logo percebi que ele sabia de alguma coisa. Algo que eu não sabia.

– Taxa de viralização – continuou meu pai, batendo na tela com o indicador.

Senti um frio na barriga. Viralização? De quê? As sobrancelhas do meu pai se franziram.

– Qual é a diferença entre impressão e visualização? – perguntou ele.

– De qual plataforma estamos falando? – deixei escapar, endireitando os ombros. – É por isso que preciso aprovar os relatórios. Eu sempre acrescento notas pra você. Se me deixar dar uma olhada, eu posso...

David soltou um “tsc” e direcionou o olhar ao iPad nas mãos do meu pai. Então brincou:

– Acho que na verdade não importa, Andrew. – Seus olhos se voltaram para os meus. – O vídeo tem seis milhões de visualizações se considerarmos todas as plataformas. Acho que todos entendemos isso.

O vídeo.

Seis milhões de visualizações.

Espalhadas por todas as plataformas.

Minhas pernas fraquejaram. *Eu* fraquejei. E eu não era dada a fraquejar.

Muitas vezes me disseram que eu era fria demais, que meu humor era seco demais e meus sorrisos, raros demais. Minha assistente, Kelly, a única de todos os escritórios do Flames que tentou ser minha amiga, me chama abertamente de rainha inatingível. Mas sei que a maioria das pessoas me chama de rainha gelada, rainha da neve, ou qualquer outra variação que faça referência a ser fria e mulher. Nunca permiti que isso me incomodasse.

Porque nunca vacilei. Nem fraquejei. Nem deixei que as coisas me afeitassem.

Até o dia anterior, quando...

David deu uma risada.

– Você viralizou, Ads.

Quando ataquei a mascote do time usando um sapato salto quinze, como ele disse.

Meu almoço voltou até o esôfago, em parte por causa do *Ads* que eu sempre odiei tanto e em parte porque eu... meu Deus. Eu não conseguia acreditar. Eu tinha viralizado. Viralizado.

– Seis milhões de visualizações – disse meu pai, balançando a cabeça, ao ver que eu não respondi nada, porque não consegui. – Seis milhões de pessoas viram você atacar a mascote, arranhar seu rosto e arrancar a droga da cabeça dela. Seis milhões. É a população da região metropolitana de Miami.

Com a ponta das orelhas corando, ele prosseguiu:

– Você tem a própria hashtag, #casosparkles. Que as pessoas estão usando junto com a do clube.

– Eu não sabia que tinham gravado – murmurei simplesmente, odiando o som da minha voz. – Eu não tinha como saber que existia um vídeo circulando, mas...

– Não existe *mas* nessa situação, Adalyn. Você agrediu um funcionário.

A palavra *agrediu* pairou no ar, e minha mandíbula travou.

– Paul é um funcionário e Sparkles é uma entidade do time. Ele é uma fênix que incorpora o fogo, a imortalidade e a transformação do Miami Flames. Nosso time. E você o atacou quando a imprensa estava presente

para o aniversário do clube. Jornalistas. Câmeras. O time todo e suas famílias. Havia crianças presentes, pelo amor de Deus.

Engoli em seco, me certificando de que meus ombros continuavam eretos. Fortes. Imagem é tudo nessas horas. E eu não podia ceder. Não ali. Não de novo.

– Eu entendo, entendo de verdade. Sparkles é um símbolo importante e é amado pelos torcedores. Mas *agressão* parece exagero. Eu não tive a intenção de machucar Paul, eu...

– Você o quê? – perguntou meu pai, me pressionando.

Pelo jeito, eu tinha decapitado um pássaro de 1,90 metro feito de espuma, poliéster e penas de acrílico que atende pelo nome de Sparkles e representa a imortalidade. Como visto no vídeo.

Mas responder isso não ajudaria em nada, então minha boca ficou aberta pelo que pareceram os cinco segundos mais longos da história e... eu não disse nada.

Meu pai inclinou a cabeça.

– Por favor, eu adoraria que você explicasse.

Meu coração batia forte. Mas não havia nada que eu pudesse dizer, não sem uma conversa para a qual não estava preparada. Não naquele momento, e talvez nunca.

– Foi... – Parei de falar, mais uma vez odiando o som da minha voz. – Um encontro enérgico. Um acidente.

David, que estivera estranhamente quieto nos últimos cinco minutos, bufou, e meu rosto, tantas vezes chamado de frio e indiferente, queimou.

Meu pai colocou o iPad na mesa e deu um suspiro.

– Por sorte, David convenceu Paul a não prestar queixa nem nos processar.

Queixa. *Processo*.

Tive uma vertigem.

– Ofereci um aumento, que ele obviamente aceitou – acrescentou David.

– Afinal, foi uma explosão incomum para nossa Adalyn, sempre muito... controlada.

O jeito como ele disse *controlada*, como se fosse uma característica negativa, um defeito, me atingiu em cheio no peito.

– Seguramos a gravação do evento – continuou meu pai. – Depois que

você praticamente fugiu da... *cena do crime*. Mas alguém deve ter filmado tudo com o celular. David desconfia que tenha sido um dos estagiários que acompanharam a equipe de filmagem.

David soltou um “tsc” e disse:

– Mas é impossível ter certeza.

Eu não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Meu Deus, eu não conseguia acreditar no que *eu* mesma tinha feito.

Uma sensação estranha surgiu no fundo dos meus olhos. Era como um formigamento quente que deixou minha visão... turva. Aquilo era... Não. Eram... Não. Não era possível. Eu não podia estar prestes a chorar.

– É só um vídeo – falei, mas só consegui pensar que não me lembrava da última vez que tinha chorado. – Vai passar.

A ardência nos olhos aumentou, mas continuei:

– Se tem uma coisa que eu sei sobre a internet é que tudo é breve e passageiro. – Por que eu era incapaz de lembrar a última vez que tinha chorado? – Ninguém vai lembrar disso amanhã.

O celular de David tocou, e ele tirou o aparelho do bolso.

– Ah – disse, olhando para a tela. – Duvido. Parece que estamos recebendo questionamentos da imprensa. Pra você.

Isso era preocupante, claro, mas me dei conta de outra coisa.

– Por que... – Franzi o cenho e verifiquei o meu celular. Nada. – Eu deveria ter recebido esse e-mail. Por que não estou em cópia?

David deu de ombros e meu pai soltou um suspiro alto. Outra vez. Olhei para ele e sua expressão despertou algo dentro de mim.

– Podemos reverter isso. – Minha voz soou desesperada. – Eu posso reverter isso. Eu juro. Vou encontrar um jeito de o clube se beneficiar dessa atenção extra. Até da hashtag. Todos sabemos que o time não anda atraindo manchetes, e faz tanto tempo que estamos nos últimos lugares na conferência que...

A expressão do meu pai endureceu e seus olhos azuis assumiram um aspecto gelado.

O silêncio, pesado e espesso, se cristalizou.

E naquele momento eu soube, pelo modo como seus cílios subiram e desceram, que, qualquer que fosse a batalha que eu estava travando, ela tinha terminado. Eu tinha dito a única coisa que o atingia. O Miami

Flames estava no buraco. Fazia mais de uma década que não avançávamos para a fase de mata-mata do campeonato. Estávamos longe de encher estádios. Aquele era o único investimento de Andrew Underwood que não dava lucro. O único que lhe custava mais que apenas dinheiro. Custava seu orgulho.

– O que eu quero dizer é que...

Mas a batalha estava perdida.

– “Mascote na casa do Miami Flames abatida.” – Meu pai leu no iPad. – Que tal essa atenção extra?

Engoli em seco.

– Acho que *abatida* é um exagero.

Ele assentiu brevemente e continuou:

– “Aniversário do Miami Flames termina em massacre.”

– *Massacre* também não me parece certo.

Meu pai ergueu o indicador.

– “O pássaro favorito de Miami foi depenado e assado. Qual será a próxima cabeça a rolar?” – O dedo voltou para a tela e passou para o lado. – “Sparkles não merecia morrer.” – Mais uma. – “Uma carta de amor à Exterminadora de Pássaros.”

Exterminadora de Pássaros. Meu Deus.

Soltei uma risada bufada, que me rendeu outro sorrisinho sarcástico de David.

– Esses meios de comunicação só estão atrás de cliques. Não estão fazendo avaliações sérias que devam nos preocupar ou atingir o time. Minha equipe vai organizar uma estratégia. Vamos enviar um comunicado à imprensa. Vamos...

– “Filha do dono do Miami Flames, Andrew Underwood, e da ex-modelo Maricela Reyes, Adalyn Reyes está sob os holofotes após incidente terrível com mascote do time.”

A sensação pegajosa que cobriu minha pele quando entrei no escritório subiu pela minha espinha. Meus braços. Minha nuca.

Ele continuou:

– “Adalyn Reyes desequilibrada. Quem é a herdeira do império Underwood?” – Fechei os olhos. – “Miami Flames F.C. sob análise. O clube finalmente está desmoronando?” – Uma gota de suor gelado desceu pelas

minhas costas. – “A diretora de comunicação, chata e sem sal, finalmente encontrou o que a faz arder? A ira feminina explicada.”

Chata e sem sal.

Finalmente encontrou o que a faz arder.

Ira feminina.

Por mais ereta que eu mantivesse a coluna naquele momento, era impossível ignorar o quanto eu me sentia pequena. Inadequada. E, quando me mexi, até meu terno sob medida pareceu desconfortável. Largo e pini-quento. Como se eu não devesse estar usando isso.

– Bom. – A voz do meu pai me trouxe de volta. Eu me concentrei nele. Em seu rosto. Na dureza de seus olhos. – Para ser sincero, acho essas manchetes longas demais, mas isso não importa quando elas cumprem seu papel.

Ele faz uma pausa antes de continuar.

– Você ainda acha que podemos nos beneficiar dessa atenção, Adalyn? Fiz que não com a cabeça.

O homem que eu tanto admirei e tentei impressionar durante todos os anos em que trabalhei no clube soltou um suspiro.

– Pode pelo menos nos dizer o que motivou isso tudo? – quis saber ele, e a pergunta me pegou tão de surpresa, eu estava tão despreparada, que fiquei ali parada, olhando para ele.

– Eu...

Eu não podia dizer. Eu me recusava.

Não com David bem ali. Se ele tivesse me perguntado no dia anterior, me interceptado e exigido uma resposta enquanto eu *fugia da cena do crime*, como ele disse, talvez eu tivesse contado naquelas circunstâncias. Aquela claramente não era eu. Mas agora eu não poderia dizer.

Explicar só provaria que as acusações contra mim estavam certas. Que eu não era profissional. Que era desqualificada para meu cargo atual e para o que almejava ocupar um dia. Como eu poderia estar no comando de qualquer coisa se perdia a cabeça daquele jeito?

– Querida – disse David, fazendo com que eu virasse para ele. Eu não conseguia acreditar que um dia tinha permitido que ele me chamasse de qualquer coisa que não fosse Adalyn. Pelo menos eu sabia agora por que ele ainda tinha coragem de fazer isso. – Você está tão pálida. Tá tudo bem?

– Tá – resmunguei, mas não estava. Nem de longe. – É que está quente aqui. E eu... eu mal dormi essa noite.

Dei uma tossidinha, olhei meu pai nos olhos e as palavras jorraram da minha boca.

– Você sabe o quanto eu trabalhei e o quanto me dedico ao clube. Será que não poderia...

Esquecer isso? Ficar do meu lado? Sem questionar. Ser meu pai.

Andrew Underwood se recostou na cadeira, o couro rangendo sob seu peso.

– Está pedindo que eu trate você de forma diferente só porque é minha filha?

Sim, eu queria responder. Só desta vez. Mas a pressão atrás dos meus olhos voltou, me distraíndo.

– Não. – Ele cortou o ar com um gesto. – Nunca fiz isso antes e não vou começar agora. Você ainda é uma Underwood e é melhor que isso. Não me peça tratamento especial depois de constranger a mim e ao clube inteiro.

Constranger. Eu tinha constrangido a mim mesma, além do meu pai e do clube.

Sempre me orgulhei de não deixar que as palavras ou ações do meu pai como chefe me incomodassem. Mas a verdade nua e crua era que no fundo isso não era para valer. Me incomodava o fato de aquela relação chefe-funcionária ser a única que tínhamos.

Era a única coisa que eu tinha.

– Você violou o código de conduta – continuou ele. – Isso é motivo de demissão. E talvez o que eu pretendo fazer seja um favor, considerando todas as circunstâncias.

Estremeci.

Em resposta, Andrew Underwood semicerrou os olhos ao olhar para mim. Só depois do que pareceu uma eternidade ele deixou que as mãos caíssem sobre a mesa.

– Não gosto das perguntas que David está recebendo o dia todo. – Ele inclinou a cabeça. – Você é uma distração, então quero que saia de Miami enquanto damos um jeito de consertar tudo isso.

David murmurou alguma coisa, mas não consegui ouvir bem. As palavras do meu pai ecoavam em minha cabeça.

Consertar. Então havia uma solução.

Meu pai levantou da cadeira.

– Sua assistente. Qual é o nome dela?

– Kelly – respondeu David por mim.

– Ela vai assumir todas as comunicações e consultas de mídia – continuou meu pai, assentindo. – Adalyn vai atualizá-la de tudo antes de ir.

Ele deu um passo para a direita, abriu uma gaveta e então voltou a olhar para mim.

– Dê um jeito no que quer que esteja acontecendo com você e nos deixe conter os danos – disse ele antes de colocar o iPad na gaveta. – E prefiro que não comente nada disso com sua mãe. Se ela souber que exilei sua única filha até o fim da temporada, vai me encher o saco.

Exilada.

Até o fim da temporada.

Seriam... semanas. Meses. Longe do Flames e de Miami.

Assenti.

– Você parte amanhã. Para uma missão. Temos uma iniciativa filantrópica que exige sua presença e toda essa sua... paixão recém-descoberta.

Ele fez uma pausa.

– É uma coisa que eu venho pensando há um tempo, na verdade. Então acho que agora é a hora. – Ele deu a volta na mesa. – E, Adalyn? Espero que leve tão a sério quanto seu trabalho aqui. Não me decepcione outra vez.



DOIS

Adalyn

– Green Warriors?

Dei um suspiro, olhando para meu celular no painel do carro alugado.

– Tem certeza que esse é o nome do time? – A voz de Matthew voltou a sair pelo alto-falante. – Acho que nunca ouvi falar. – Uma pausa. – Espera, não é o Charlotte Warriors?

– Acho que eu saberia se tivessem me mandado para um time como o Charlotte Warriors. – Encurvei os ombros enquanto segurava o volante, mas tentei manter o tom de voz o mais animado possível, sem muito sucesso. – É um projeto filantrópico, então imagine algo menor que isso.

– Menor, tá – resmungou ele, as teclas do notebook ressoando ao fundo. – Não é meio estranho você estar a caminho desse lugar sem saber ao certo para quê? Eles não deveriam ter te dado mais informações?

– Situações estranhas exigem soluções estranhas – respondi. – Mas eles me disseram algumas coisas. Local, contato e nome do time. O problema é que eu não tive tempo de pesquisar.

Não com 24 horas para atualizar Kelly antes de pegar o voo. Uma onda de exaustão me atingiu, me fazendo engolir um bocejo.

– Mal tive tempo de fazer a mala. – Ou dormir. – Por sorte, conheço alguém que é bom de pesquisa e prazos apertados, já que o jornalismo é seu trabalho e sua paixão.

– Ossos do ofício – resmungou meu melhor amigo, e percebi uma alteração em sua voz que não entendi. Franzi o cenho, mas ele continuou antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa. – E vou ajudar se você me deixar dizer o que eu estou achando disso primeiro.

– Eu tinha esquecido esse osso do ofício – comentei, inexpressiva.

– O que eu acho – anunciou ele, ignorando meu comentário – é que exilar a própria filha por uma bobagem dessas é exagero.

– Por favor – falei, soltando um suspiro. – Não precisa se esforçar tanto para medir suas palavras.

– Eu *estava* medindo minhas palavras. O que eu acho de verdade é que isso que o seu pai está fazendo é uma puta de uma sacanagem.

Senti meus ombros mais tensos ainda.

Matthew nunca gostou do meu pai, e meu pai também nunca gostou dele. Nunca culpei nenhum dos dois. Eles eram... opostos completos. Dia e noite. Água e óleo. Como Matthew e eu. Ele não fazia rodeios, era barulhento e charmoso, e eu era comedida, crítica e pragmática demais para viver fazendo piada sobre tudo – meu pai também, aliás –, como Matthew. Risos e gargalhadas não garantiam resultados. Não no meu mundo, pelo menos.

Nossa amizade sempre foi um mistério. Para mim, pelo menos. Não para meu melhor amigo. Ele foi muito claro a respeito de suas intenções desde que nos conhecemos, anos antes, na fila da Sanduicheria Doña Clarita.

Ele tentou dar em cima de mim, e eu o olhei de cima a baixo antes de perguntar se ele estava chapado. Sua resposta foi uma gargalhada estridente, e um *Gostei de você. Você manda a real.*

De algum jeito, depois daquele dia nos tornamos inseparáveis.

– Meu pai tem um pouco de razão – falei. – Tá rolando por aí um vídeo vergonhoso em que estou grunhindo e rosnando enquanto arranco a cabeça da mascote do time para o qual trabalho.

– É engraçado. E o mundo anda cruel. As pessoas se enxergam em você. Estão relacionando a cena a uma demonstração de ira feminina. – De novo essa história de ira feminina. – Na verdade, é empoderador. Não tem nada de constrangedor.

Constrangedor.

Não me peça tratamento especial depois de constranger a mim e ao clube inteiro.

Engoli em seco, ignorando o frio na barriga ao lembrar as palavras do meu pai.

– Você sabe muito bem que não precisa pegar leve comigo.
– Já vi coisas piores na internet, Addy. E daí que você brigou...
– Não foi uma briga – interrompi, olhando para o aplicativo do mapa no celular com uma careta. – E não me chame de Addy, *Matty*. Você sabe que esses apelidos fazem com que eu me sinta uma criança.

Não importava que viessem do meu ex ou do meu melhor amigo. Eu odiava que me chamassem de qualquer coisa que não fosse meu nome.

– Tá bom. – Ele cedeu, ignorando meu tom. – Então não foi uma briga. Foi um confronto...

– Um desentendimento, no máximo.

– E daí que você teve um desentendimento, no máximo, com Sparkles, e algum idiota publicou o vídeo em uma rede social, e agora a Geração Z não para de falar sobre isso? Todos querem ser amados pela Geração Z. É dela que vem o dinheiro. Você deve ser a millennial favorita deles.

– Teoricamente eu fico na fronteira. Então, de qualquer forma, sou uma zillennial, não millennial.

Espiei o celular mais uma vez, me perguntando por que a estrada estava serpenteando e a vegetação ficando mais espessa de ambos os lados. Eu não esperava subir tanto. Voltei a explicar para Matthew:

– Enfim, o vídeo estava com quase oito milhões de visualizações hoje cedo. E, quando falei com minha assistente, ela disse que havia uns paparazzi no Flames hoje. Paparazzi. Como se eu fosse uma... sei lá, uma celebridade dos anos 2000 que acabou de ter um vídeo de sexo vazado.

– E o que aconteceu com a Kim Kardashian? Agora ela tem uma fortuna, uma marca, uma fila de ex-namorados questionáveis e, em breve, um diploma de direito.

– Matthew. – Chamei sua atenção e soltei um suspiro. – Não vou ficar conversando sobre por que você acha que as Kardashians são a melhor coisa que aconteceu no século XXI... de novo. Eu não tenho interesse nenhum em virar uma Kardashian, e você só é obcecado por elas porque elas têm...

– Enrolei um pouco. – Você sabe, um bundão.

– Também valorizo o talento delas como empreendedoras – respondeu ele, com um arquejo teatral. – E gostar de bunda grande não é nenhum crime. Enfim, escuta, os paparazzi deviam estar tentando pegar Williams ou Perez chegando para treinar. Tenho certeza de que sua assistente exagerou

porque David mandou. Ele é o lacaio do seu pai desde que foi contratado para um cargo no qual você seria milhões de vezes melhor. Mas Andrew é assim mesmo. Uma puti...

– Faz tempo demais que você está em Chicago – interrompi. E, ironicamente, David nunca foi lacaio do meu pai. Ao contrário de... Parei de pensar nisso. – Não me lembro da última vez que um jogador do Flames chamou tanta atenção.

Ouvi o rangido do couro e olhei para baixo. Meus dedos estavam brancos, segurando o volante com uma força meio descomunal. Soltei o ar que estava segurando.

– Meu pai está me fazendo um favor ao me dar uma chance de consertar isso. Uma oportunidade para me redimir.

Ficamos um bom tempo em silêncio, e, quando Matthew voltou a falar, sua voz estava séria. Cheia de zelo. Não gostei.

– Sei que você não tem dificuldade nenhuma para se defender, mas... essa história toda com o Sparkles não parece você. – Senti um frio na barriga. – O que aconteceu? Alguma coisa te levou a... esse ponto.

Esse ponto. A pressão gigantesca que me esmagava desde aqueles momentos terríveis logo antes de eu me lançar contra Sparkles voltou ao meu peito. Só que, mais uma vez, eu não me sentia preparada para conversar sobre o que tinha precedido minha explosão. Várias emoções obstruíam minhas cordas vocais.

Os segundos passaram lentamente. Dei uma tossidinha.

– Se eu soubesse que você ia querer ficar falando sobre os meus sentimentos, eu estaria fazendo outra coisa agora, tipo ouvir um podcast. Você sabe como eu amo dirigir ouvindo uma voz grave destrinchando um assassinado complexo e medonho.

– Estou falando sério – disse ele, com a voz suave.

Suave demais. Tão suave que quase tirou o peso do meu peito.

– Sinceramente, Matthew – falei, com o tom um pouco mais duro por puro instinto de sobrevivência. – Eu esperava que a essa altura você já tivesse colocado camisetas com as hashtags #casosparkles ou #Exterminadora-dePássaros no correio. Esse papo sentimental é uma decepção.

Não era, mas eu ainda não conseguia lidar com tudo o que se revolia dentro de mim.

O som de Matthew soltando o ar profundamente saiu pelo alto-falante.
– Caramba, Addy. – Ele riu, e dessa vez deixei o *Addy* passar. – Agora você estragou a surpresa.

Eu me senti relaxar. Só um pouquinho.

Porque na mesma hora notei que a estrada fazia curvas à frente, entrando e saindo de um bosque cheio de árvores. Onde é que eu estava?

– Podemos voltar ao motivo da ligação? – perguntei. – Eu já deveria estar perto do meu destino e gostaria de saber o que me aguarda quando eu chegar.

– Certo – concordou ele, e as teclas do notebook voltaram a soar. – Então estamos pesquisando sobre o Green Warriors.

– Isso mesmo. Da Carolina do Norte.

Alguns segundos se passaram, então ele disse:

– Nada. Nadinha. Tem certeza de que é esse o nome do time?

A velha Adalyn diria que sim. Mas eu não tinha certeza. As últimas 24 horas eram a prova de que eu não era mais a *velha Adalyn*.

– Tenta Green Oak. Tenta... – Era para ser um empreendimento filantrópico, então talvez eu não devesse esperar que o time tivesse aparecido na imprensa. – Tenta recreativo.

Esta última palavra pareceu pairar no espaço reduzido no interior do carro, silencioso a não ser pelo barulho dos pneus na estrada irregular.

Em que momento eu tinha entrado em uma estrada de terra? E por que Matthew não estava falando nada? O telefone estava sem sinal?

Olhei para a tela do meu celular. Tinha sinal.

– Matthew?

Um gemido.

Ah, não.

– O que você descobriu?

– Você não vai gostar nem um pouco.

– Pode ser mais específico?

– Você está levando calçados confortáveis?

– Confortáveis? Tipo chinelos para ficar em casa? – Franzi o cenho. – Vou passar semanas aqui, claro que sim.

– Não chinelos. Botas.

– Botas? – repeti.

– Do tipo que se usa ao ar livre. Sabe, confortáveis, resistentes e sem um salto de doze centímetros.

– Sei bem o que são botas. – Revirei os olhos, embora as botas que eu tinha imaginado não fossem do tipo confortável. – Mas vou estar trabalhando. Não vim até aqui para passar o dia em...

Olhei para o aplicativo do mapa mais uma vez

– Uma cadeia enorme de montanhas – completei. Onde é que ficava aquela cidade? Meu Deus. Eu deveria mesmo ter pesquisado antes de entrar no avião. – Pretendo dedicar ao Green Warriors o mesmo tempo que dedicava ao Flames. Além disso, caso eu tenha algum tempo livre, o que não vai acontecer, você sabe que eu não me envolvo em atividades que incluam o uso de roupas impermeáveis e o risco de cair de um penhasco.

– Ah, mas você vai ter que se envolver, sim.

Fiz uma careta, virando à direita em mais uma estrada de terra.

– Como assim?

Ouvi as teclas do notebook. Outro gemido.

Meus ouvidos estalaram. Meu Deus, a que altitude eu estava?

– Matthew, estou a três segundos de desligar na sua cara.

– Tá. O que você quer ouvir primeiro? A notícia ruim? Ou a pior ainda?

– Não tem notícia boa? – perguntei, semicerrando os olhos e localizando o cruzamento que eu estava procurando.

Virei, e a estrada se transformou em uma espécie de trilha na montanha. Pedregulhos começaram a saltar sob os pneus, atingindo o fundo do carro alugado. Segurei o volante. Com firmeza. Algo estava errado. Eu tinha quase certeza de que não era para eu estar em uma estrada assim. O carro inteiro tremia – vibrava – com as saliências da estrada que na verdade nem era uma estrada.

– Acho que cometi um erro aqui.

– É o que eu estou tentando te dizer – disse Matthew.

E, se eu estivesse escutando com atenção, teria ouvido o tom de urgência em sua voz, mas estava ocupada demais me perguntando por que eu não me encontrava em uma cidade. Estava entrando em uma propriedade no meio da floresta. *Da floresta.*

Matthew continuou a falar, suas palavras se perdendo em minha cabeça enquanto eu dava a volta em um chalé. Um chalé. Um chalé mesmo, com

vigas de madeira e janelas que davam para a massa de árvores que eu tinha deixado para trás.

Algo estava errado.

Por algum motivo, no caminho até lá, eu tinha construído uma imagem na cabeça. No avião, me convenci de que estava indo para uma cidade da Carolina do Norte – talvez um bairro mais afastado do centro comercial, o que explicaria por que eu nunca tinha ouvido falar desse time. Afinal, eu estava indo a trabalho. Um empreendimento filantrópico de um time da MLS. Era um projeto sério em uma cidade de verdade. Mas agora estava difícil acreditar nisso.

Aquele lugar não parecia pertencer a uma cidade. Não parecia haver uma cidade grande por perto.

O lugar era cercado por... natureza. Floresta. Encostas cobertas de verde-esmeralda e marrom-acobreado. Eu estava seguindo por estradas de chão que me levaram ao tipo de propriedade que poderia ser anunciada como um retiro na natureza. Havia pássaros cantando. Folhas farfalhando. Rajadas de vento. Silêncio.

Odiei.

Fui muito relapsa, muito apressada. Deveria ter checado a localização que Kelly me enviou antes de inseri-la no aplicativo. Deveria ter pesquisado. Deveria...

– Você chegou ao seu destino – anunciou a voz feminina do GPS.

Ignorei o nó na garganta e dei outra volta no chalé, procurando um lugar para estacionar. Tinha que haver uma explicação. Um motivo. Provavelmente uma cidade que não vi no caminho por ter seguido um atalho pelas montanhas. E, bem, pelo menos o chalé era... de bom gosto. A maioria das pessoas ficaria feliz por ter a oportunidade de fugir para um lugar tão tranquilo. Sentir o ar fresco da montanha. Assistir ao pôr do sol aconchegado embaixo de uma mantinha. Ter uma varanda com vista para a vegetação.

Mas eu não era como a maioria das pessoas.

Eu detestava o frio. E não tinha a necessidade estranha de atravessar o país em busca de ar fresco. Gostava do ar de Miami. Da cidade. Do litoral. Até do calor insuportável. Do meu trabalho com o Flames. Da minha vida.

Senti meu estômago revirar, uma bola de náusea surgindo.

Imagens da cabeça do Sparkles caindo na grama surgiram atrás dos meus olhos.

Violação do código de conduta.

Ira feminina.

Constrangedor.

Você é uma distração, então quero que saia de Miami.

Minhas mãos voltaram a suar, o volante ficou escorregadio. O carro ainda estava se mexendo ou eu já tinha desligado?

– Adalyn? – perguntou Matthew, me lembrando de que ele ainda estava ali. Ele estava falando aquele tempo todo? – Diz alguma coisa.

Mas eu estava ocupada demais tentando me concentrar no que acontecia com meu corpo. Aquilo era exaustão? Desidratação? Qual tinha sido a última vez que bebi água? Será que eu estava de TPM? Balancei a cabeça. Ai, meu Deus, eu estava surtando de novo? Eu...

Algo atingiu o para-choque com um baque surdo.

Pisei no freio com tudo, de maneira tão repentina, tão brusca, que meu corpo inteiro foi lançado para a frente.

Minha testa bateu no volante.

– Ai. – Eu me ouvi gemer em meio ao zumbido nos ouvidos.

– ADALYN? – A voz veio de algum lugar à minha direita. A voz de Matthew. Parecia abafada agora. – Meu Deus, o que aconteceu?

– Bati em alguma coisa – respondi, o lado direito da testa ardendo.

Com a respiração irregular, dei a mim mesma três segundos, deixando a cabeça descansar na superfície de couro do volante, antes de me endireitar e olhar para o lado, procurando pelo celular, que tinha caído do painel.

A voz de Matthew voltou.

– Me diga que você está bem ou juro que vou ligar pra sua mãe agora mesmo...

– Não – falei, com a voz rouca. – Por favor. Não. Maricela não. Ela não pode saber disso.

Pisquei com força, tentando dissipar os pontinhos que surgiam em minha visão periférica.

– Está tudo bem – resmunguei, e vi alguma coisa se mexer do lado de fora do carro. Algo... que saiu correndo. E... Cacarejando? – Acho que atropeliei uma galinha.

Xingamentos inteligíveis saíram pelo alto-falante enquanto eu soltava o cinto e pegava o celular do chão. Voltei a erguer o tronco e...

Minha cabeça girou.

– Isso foi um erro – murmurei.

– É o que eu estou tentando te dizer, Adalyn. O Green Warriors...

– Acho que vou vomitar.

– Sai do carro – disse ele. – Agora.

Assenti, embora Matthew não pudesse me ver, e engatei a ré.

– O carro está no meio da estrada, então vou só estacionar e...

– Não.

– Não posso deixar o carro aqui. – Pedregulhos saltaram de debaixo do pneu quando o veículo começou a avançar. – Talvez eu devesse dar uma olhada na galinha também.

Um pensamento tomou forma em meio à minha névoa mental, e eu disse:

– Ah, meu Deus. E se eu tiver matado a galinha? – Meus olhos desviaram na direção em que ela tinha corrido. Eu não podia acreditar. – Outra ave idiota.

Minhas pálpebras se fecharam. Só por um instante. Não deve ter sido mais do que um nanossegundo, um indulto de curta duração, mas...

Um baque surdo me sacudiu.

Um baque. Eu tinha batido em alguma coisa. De novo. Alguma coisa maior que uma galinha. Tipo um... Nossa, tomara que não seja um urso.

Meus olhos se abriram, o pânico surgindo.

No mesmo instante, um rosnado – como o rosnado de um urso, para o meu completo desespero – veio da traseira do carro. Meu pé disparou para a frente. Mas minha cabeça estava confusa e meus reflexos claramente deturpados, porque em vez de pisar no freio, pisei no acelerador.

E joguei o carro alugado contra uma árvore.

CONHEÇA OS LIVROS DE ELENA ARMAS

Uma farsa de amor na Espanha

Um experimento de amor em Nova York

Amor em jogo

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

